

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

SABRINA DOMIQUILE

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO NA PERSPECTIVA DOS TEÓRICOS QUE
INFLUENCIARAM PAULO FREIRE

MARINGÁ

2015

SABRINA DOMIQUILE

**PEDAGOGIA DO OPRIMIDO NA PERSPECTIVA DOS TEÓRICOS QUE
INFLUENCIARAM PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso -
TCC- apresentado ao curso de
Pedagogia como requisito parcial para
cumprimento das atividades exigidas na
disciplina de TCC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ruth Izumi
Setoguti

MARINGÁ

2015

SABRINA DOMIQUILE

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO SOB A PERSPECTIVA DOS TEÓRICOS QUE
INFLUENCIARAM PAULO FREIRE

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Ruth Izumi Setoguti

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ruth Izumi Setoguti
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof.^o Dr.^o José Flávio Pereira,
Departamento de História (DHI)

Prof.^o Ms Kleber Eduardo Men
Prof. de História da Unicesumar

DOMIQUILE, Sabrina. **Pedagogia do Oprimido sob a perspectiva dos teóricos que influenciaram Paulo Freire**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (artigo). Curso de Pedagogia – Universidade Estadual de Maringá. Orientação: SETOGUTI, Ruth Izumi. Maringá, UEM, 2015.

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo analisar as ideias de Paulo Freire em uma de suas mais importantes obras, a **Pedagogia do oprimido**. Freire é contra o método tradicional de ensino, portanto não faz jus a conhecimentos científicos produzidos historicamente. Ao contrário disto, defende uma alfabetização promovida pela conscientização dos indivíduos. O autor traz em seu livro um grande número de teóricos marxistas, devido a isto se torna necessário a indagação em relação a qual seria seu ponto de chegada com essa obra questionando qual o real objetivo de sua alfabetização, qual a sociedade almejada pelo autor e como chegar a tal sociedade. O primeiro ponto deste trabalho se encarrega de relatar a influência que Paulo Freire possui mundialmente, no segundo averiguaremos o objetivo pretendido com sua proposta de alfabetização. No terceiro ponto, desvelaremos o interesse social-político que Freire possui, já que o autor se embasa em intelectuais marxistas. Visto isso, chegaremos à conclusão das conseqüências que sua alfabetização acarreta na sociedade atual.

PALAVRAS – CHAVE: Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire. Marxismo. Educação. Sociedade.

ABSTRAT

This article aims to analyze the Paulo Freire's ideas in one of his most important works, Pedagogy of the Oppressed. Freire is against the traditional method of teaching therefore does not live up to scientific knowledge historically produced. Unlike this, it advocates a literacy promoted the awareness of individuals. The author brings in his book a large number of Marxist theoreticians, because of this it becomes necessary to question as to which would be its point of arrival in this work questioning what the real purpose of their literacy, which society desired by the author and how reach such a society. The first point of this work is in charge of reporting the influence of Paulo Freire has worldwide in the second'll find out the desired objective with its proposal for literacy. On the third point, we desvelaremos the social-political interest that Freire has, since the author was grounded in Marxist intellectuals. Seen it, we come to the conclusion of the consequences that entails their literacy in today's society.

KEY - WORDS: Pedagogy of the Oppressed. Paulo Freire. Marxism. Education. Society.

I- INTRODUÇÃO

Pretende-se com este trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado na forma de artigo acadêmico, analisar o livro **Pedagogia do oprimido** (1970) por meio de autores citados por Freire (1970) nesta obra. Nosso estudo se justifica pelo fato de os escritos de Freire (1970), incluindo a **Pedagogia do oprimido** (1970), carecerem de objetividade e rigor conceitual. A nossa hipótese é de que o pensamento de Paulo Freire poderia ser mais bem explicitado caso fosse dada voz aos autores que lhe deram a fundamentação teórica e política. Eis a razão da proposta do presente trabalho.

Essa fragilidade teórica por nós apontada nos escritos de Paulo Freire encontra eco em outros autores, cuja afinidade com as ideias deste autor é explícita. Vejamos alguns exemplos.

Francisco Weffort, cientista político, na apresentação que faz do livro de Freire (1970), **Educação como prática da liberdade** (2008), justifica essa fragilidade conceitual e teórica como decorrente da falta de tempo do autor por estar engajado na luta política junto a movimentos populares:

A urgência dos problemas de organização e de coordenação deste movimento de democratização da cultura deixou ao autor [Freire] menos tempo do que ele teria desejado para a elaboração teórica. Havia que aproveitar as possibilidades institucionais abertas à mobilização popular para atacar de frente a meta da alfabetização. A teoria teve de esperar que o exílio do autor lhe permitisse um esforço de sistematização (WEFFORT, 2008, p. 1, grifo nosso).

Já para Gerhardt (1996, p.3), Freire (1970) tinha uma ‘repulsa’ ao academicismo’, ou, como explicam Loiola e Borges:

[Paulo Freire] nunca foi um teórico apaixonado por ideias abstratas, que gostasse de escrever grossos tratados teóricos. Também nunca foi um professor de universidade tradicional, trabalhando apenas no seu escritório ou laboratório e escrevendo artigos especializados destinados apenas a seus colegas especializados (LOIOLA; BORGES, 2010, p. 311).

Além disso, sua escrita muito se aproxima da oralidade. “Seus livros são, antes de tudo, conversas. Ele fala, depois escreve. Escreve como fala. Suas palavras são marcadas pela oralidade do diálogo” (LOIOLA; BORGES, 2010, p. 311).

Com o presente trabalho, de cunho bibliográfico, pretendemos explicitar algumas das posições de Paulo Freire atinentes à educação e à política presentes em sua obra **Pedagogia do oprimido** (1970). Afinal, como entender a **Pedagogia do oprimido** (1970) como uma obra destinada à alfabetização de adultos? Quais os teóricos da educação e da alfabetização que influenciaram Paulo Freire? Qual o seu ponto de chegada com a pedagogia do oprimido? Qual a sociedade almejada pelo autor?

1- A influência de Paulo Freire na educação mundial

Paulo Freire (1921-1997) é na atualidade um dos educadores brasileiros de maior influência na educação, cujo método de alfabetização de adultos deu-lhe grande notoriedade no Brasil, na América Latina, na África, nos Estados Unidos, no Canadá, na Dinamarca e na Suécia (LOIOLA; BORGES, 2010, p. 306). Desde meados da década de XX, o pensamento de Paulo Freire norteia a chamada ‘educação progressista’ não apenas no Brasil como no mundo, conforme explicam Loiola e Borges (2010):

Paulo Freire é um dos maiores educadores do Brasil e, sem dúvida alguma, o mais conhecido internacionalmente. Também é um dos pedagogos que mais marcou o pensamento educativo na segunda metade do século XX (LOIOLA; BORGES, 2010, p. 306).

Seus livros foram traduzidos e difundidos para mais de 90 países (MARIA E SILVA, 2012). O prestígio de Freire (1970) se fez notar principalmente entre educadores, teólogos, professores universitários e ativistas, alinhados ao pensamento de esquerda, também conhecidos como “progressistas” ou “críticos”:

Ao longo de toda a sua vida, este brasileiro de Pernambuco inspirou muitos educadores progressistas pelo mundo, tanto nas escolas e nas universidades quanto nos sindicatos e nos grupos de jovens e adultos católicos (principalmente os católicos da Igreja dita progressista, ligada ao que se chama teologia da libertação na América do Sul). Suas concepções também influenciaram os programas de alfabetização de adultos, as organizações de mulheres e outros grupos (LOIOLA; BORGES, 2010, p. 306, grifo nosso).

Nos Estados Unidos, embora Freire (1970) tivesse morado pouco tempo no país, suas ideias serviram de inspiração a “toda uma geração de intelectuais e educadores, ditos pedagogos críticos, como Michael Appel, Henry Giroux e Peter McLaren” (LOIOLA; BORGES, 2010, p. 309-310).

A ampla difusão do pensamento freiriano (1970) nos Estados Unidos é confirmada por Peter McLaren, professor na Universidade da Califórnia, educador e

autor do livro **Che Guevara, Paulo Freire, and the pedagogy of revolution (Che Guevara, Paulo Freire e a pedagogia da revolução)**: “Paulo Freire é, de longe, o mais importante educador crítico lido nos EUA” (MCLAREN, 1997, p.1), principalmente nos cursos de formação de professores, onde a leitura de **Pedagogia do oprimido** (1970) é “indefectível nas 16 escolas de formação de professores, dos Estados Unidos”, conforme o levantamento realizado por David Steiner, professor da Universidade de Boston, e Susan Rozen, diretora de Leitura e Alfabetização das escolas públicas de Bedford, em Massachusetts, em 2003 (apud MARIA E SILVA, 2012).

O prestígio de Paulo Freire ainda hoje nos meios acadêmicos internacionais pode ser notado pela publicação em Roterdã, na Holanda, em 2011, do livro integralmente dedicado a ele com o título de **Paulo Freire: Rousseau of the twentieth century (Paulo Freire: Rousseau do século XX)** escrito pelo professor indiano Asoke Bhattacharya, da Universidade de Calcutá (MARIA E SILVA, 2012). Vale destacar que este livro integra uma coleção de obras que versam sobre o tema de educação de adultos e foi editada por um grupo de 12 universidades, dentre elas as da Inglaterra, Estados Unidos, Egito, Canadá, África do Sul, Portugal, Espanha, Nova Zelândia e Finlândia (MARIA E SILVA, 2012).

A produção bibliográfica acerca do pensamento de Paulo Freire, sobretudo sobre a obra **Pedagogia do oprimido** (1970) é extensa. Todavia desconhecemos até o presente momento a existência de trabalhos que busquem explicitar as ideias e os objetivos pedagógicos e políticos de Paulo Freire a partir dos autores que lhe serviram de referência neste livro. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é tentar elucidar a **Pedagogia do oprimido** (1970), a mais conceituada e mundialmente conhecida obra de Paulo Freire, à luz de autores que lhe serviram de inspiração.

A **Pedagogia do oprimido** (1970), obra que deu reconhecimento internacional a Paulo Freire, foi escrita em 1968 durante o seu exílio no Chile, e originalmente publicado em inglês, em 1970, com prefácio escrito pelo teólogo presbiteriano Richard Shaull (1919-2002), “um dos próceres da Teologia da Libertação, que se tornou padrinho da obra de Paulo Freire nos Estados Unidos, conseguindo inclusive tradutor para ela no seio de sua igreja” (MARIA E SILVA, 2012). Dois anos depois, em 1972, Stanley Grabowski escreve um livro intitulado **Paulo Freire: a revolutionary dilemma for the adult educator (Paulo Freire: um dilema revolucionário para o educador de adultos)**, publicado pela editora da Universidade de Siracusa, em Nova York (MARIA E SILVA, 2012).

A publicação em inglês de **Pedagogia do oprimido** (1970) e da obra de Stanley Grabowski pavimentou definitivamente a internacionalização da obra de Paulo Freire. Três décadas após a publicação nos Estados Unidos de **Pedagogia do oprimido** (1970), portanto, no ano de 2000, a Editora Continuum de Nova York “publicou uma edição comemorativa dos 30 anos de “**Pedagogia do oprimido** (1970), que já havia ultrapassado na época a marca de 750 mil exemplares vendidos em todo o mundo, chegando a 1 milhão de exemplares [...]” (MARIA E SILVA, 2012).

II- DESENVOLVIMENTO

2- A alfabetização como um ato revolucionário

Paulo Freire é um crítico do método tradicional por entendê-lo autoritário, pois este se centra na figura do professor, no conteúdo e no material didático ao invés de no aluno, no seu interesse, na sua motivação e na sua experiência. Sob a influência da Escola Nova, Freire (1970) defende uma pedagogia “libertadora” centrada não no professor, no conteúdo previamente determinado por ele ou pelo currículo, mas no aluno, no seu interesse e na sua realidade. Na verdade, a chamada *pedagogia centrada no aluno* não é uma elaboração original de Paulo Freire, ao contrário, ela se faz fortemente presente na educação contemporânea do século XX. Nesse sentido, Clermont Gauthier e colaboradores fazem uma reflexão interessante apontando a hegemonia da proposta da educação centrada no aluno no âmbito da educação atualmente:

Um discurso pedagógico dominante foi instalado em todo o mundo, em consonância com a nova pedagogia, colocando em cena uma pedagogia centrada no aluno, de orientação construtivista e cujos efeitos positivos sobre a aprendizagem está longe de ser demonstrada. Como explicar tal popularidade de abordagens pedagógicas tão ineficientes? Sem dúvida, devemos buscar as razões na tomada de controle dos nossos sistemas de ensino, por uma espécie de ditadura pedagógica (Kozloff, 2003), que conseguiu impor sua ideologia, tirando partido da baixa cultura de pesquisa em ciências da educação (GAUTHIER; BISSONETTE, RICHARD, 2010, p. 13, grifo nosso).

Em sua análise sobre a escola, Freire (1970) o faz com a lente do marxismo. Por isso, ele vê essa instituição como um espaço no qual se desenrolam as ‘lutas de classes’ entre opressores e oprimidos, o que o leva a criticar o ensino tradicional ao qual se refere pejorativamente de “educação bancária”-, como um instrumento de opressão da

classe burguesa (opressora) sobre as classes populares (oprimidas) ¹. Assim, o conhecimento produzido historicamente passa a ser visto como resultado do interesse de determinados grupos economicamente superiores (opressores) em detrimento de grupos economicamente inferiores (oprimidos).

Franco Cambi (1999), ao apresentar os modelos de pedagogia marxista existentes, nos dá elementos bastante elucidativos acerca da posição de Freire (1970) sobre a crítica que este lança ao saber historicamente produzido:

Os aspectos específicos da pedagogia marxista podem ser indicados como: 1. Uma conjugação ‘dialética’ entre educação e sociedade, segundo a qual todo tipo de ideal formativo e de prática educativa implica valores e interesses ideológicos, ligados à estrutura econômico-política da sociedade que os exprime e aos objetivos práticos das classes que a governam [...] (CAMBI, 1999, p. 555, grifo nosso).

Por isso, segundo a visão de Paulo Freire, o professor na educação bancária apenas repete (transmite) os conteúdos ‘prontos’ e ‘acabados’, a fim de que os alunos os memorizem ‘passivamente’. Assim, o acúmulo de conhecimento, do saber como a matemática, ciências, línguas, história, literatura, geografia, não contribuiria para libertar o aluno de sua ignorância; pelo contrário, o torna um ‘recipiente’, ‘uma vasilha’:

[...] o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2014, p. 80).

Segundo Freire (1970), a cultura e o conhecimento servem apenas para “dominação”, por isso, para contrapor-se à pedagogia bancária ou tradicional, ele propõe sua “pedagogia libertadora” ou “pedagogia do oprimido”, visando a “conscientização”, que, para nós nada mais é do que um ato de doutrinação.

Para Freire (1970) a “pedagogia do oprimido” tem por finalidade despertar nos/indivíduos a consciência de que devem participar da organização de uma revolução

¹ Em **Manifesto do Partido Comunista** Marx e Engels explicam o conceito de lutas de classes da seguinte maneira: “Até hoje, a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta” (MARX; ENGELS, s/d, p. 21/22).

contra o capitalismo, considerado por ele injusto. Acreditamos que seja possível uma maior compreensão de tal proposição educacional, transcrevendo a seguinte passagem:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pelas práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2014, p. 43, grifo nosso).

Assim, a “pedagogia libertadora” tem como propósito não ensinar os alunos o conhecimento produzido ao longo da história e os valores para assim dar-lhes uma formação intelectual, mas “conscientizá-los” de sua condição de “oprimido no mundo” a fim de que eles, por meio da práxis (ação) da revolução, busquem transformar as estruturas sociais:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na ‘inversão da práxis’, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens (FREIRE, 2014, p. 51, grifo nosso).

Tal ideia já se encontra em **Teses sobre Feuerbach**², texto no qual Marx, seu autor, está a conclamar os filósofos para uma luta prática política: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo (MARX, 1982, p. 14, grifo do autor), por meio da práxis revolucionária.

Cabe aqui evocar uma admoestação feita por Oliveira a respeito do prejuízo à própria civilização que traz a proposta “libertadora” de Freire (1970) que, ao invés de primar pela transmissão da cultura, do conhecimento, opta pela doutrinação política: “Como a sedutora serpente na árvore do conhecimento, esse tipo de ideias [progressistas] é tentador e libertário, mas é igualmente perigoso, pois transforma a busca pelo conhecimento na submissão à ignorância (OLIVEIRA, 2006, p.17. grifo nosso).

²**Teses sobre Feuerbach** é um título que foi escolhido pelo Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou às anotações encontradas no caderno de anotações de Marx sob o nome de *Ad Feuerbach* (dirigido a Feuerbach). Este texto foi publicado pelo Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou juntamente com a primeira edição de **A ideologia alemã** em 1932, retomando a expressão empregada por Engels na ‘nota preliminar’ à edição em separado de sua obra **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã** (1888), na qual as **Teses** foram publicadas pela primeira vez, como apêndice (MARX; ENGELS, 1982, p. 11, nota de rodapé).

Outra contraposição a essa visão de Freire encontra-se em Michael Oakeshott (1901- 1990) (apud CRATO, 2011, p. 34), inglês liberal, o qual reafirma a importância de se ensinar e transmitir a cultura clássica, o saber, o conhecimento:

‘Aprender’ estava, pois identificado com atingir a compreensão do que é sugerido pela vida humana espelhada numa cultura histórica de notável esplendor e lucidez, era o convite para se reconhecer a si próprio em termos dessa cultura. Era uma educação que prometia e trazia a libertação do lugar, do momento, das restrições imediatas, da lama, da cruza, do sentimentalismo, da pobreza intelectual e dos pântanos emocionais da vida vulgar. E assim continua a ser até aos dias de hoje (apud CRATO, 2011, p. 34).

3-Explicitando Paulo Freire por meio dos autores referenciados

Neste seu livro em análise, **Pedagogia do oprimido** (2005), nota-se que Freire (2005) curiosamente não cita nenhum teórico da educação, nem mesmo os teóricos que tratam da alfabetização de adultos, embora em sua 41ª edição constem, na ficha catalográfica, as seguintes palavras chave: “1- Alfabetização- Métodos”, 2- “Alfabetização- Teoria”.

Ao leitor atento, provavelmente fique uma dúvida: de qual teoria ou de qual método de alfabetização de adultos parte Freire (2005) para escrever esta obra? Quais são os autores que lhe dão fundamentação teórica? A resposta é: nenhum teórico da área da educação é mencionado. Tal estranheza foi manifestada por Sol Stern (2013), pesquisador sênior do Manhattan Institute:

O estranho é que a obra-prima [**Pedagogia do oprimido**] de Freire não trata (...) sobre educação- certamente não a educação de crianças. **Pedagogia do oprimido** não menciona nenhuma das questões que inquietaram os reformadores da educação do começo do século XX: provas, padrões, currículo, a função dos pais, como organizar escolas, que assuntos deveriam ser ensinadas em cada série, como melhor treinar professores, a maneira mais eficaz de ensinar estudantes menos favorecidos. (STERN, 2013. p. 1)

Ele também aponta qual a essência do livro: “Esse best-seller é, em vez disso, um tratado político utópico para acabar com a hegemonia capitalista e criar sociedades sem classes” (STERN, 2013, p. 1). Não há em Freire (2005), diz Stern (2013), uma preocupação com a tradição ocidental, por isso que ele não cita “nem Rousseau, nem Piaget, nem John Dewey, nem Horace Mann, tampouco Maria Montessori”, preferindo buscar apoio em pensadores que defendem o fim do capitalismo e a implantação do

comunismo como: Marx, Engels, Lênin, Che Guevara, Fidel Castro e Mao Thé Tung, e em intelectuais radicais como Frantz Fanon, Régis Debray, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Louis Althusser e Georg Lukács (STERN, 2013, p. 1).

Vejam os que pensam alguns dos autores citados por Freire (2005) em **Pedagogia do oprimido** (2005): Marx e Engels, Lênin, Mao Tsé Tung, Lukács, Marcuse, Régis Debray, Jean Paul Sartre, Frantz Fanon e Althusser.

Karl Marx e Friedrich Engels foram um dos primeiros intelectuais a proclamarem que somente a classe operária trazia em si o futuro, saudando-a como a “única verdadeiramente revolucionária”, pois todas as demais “degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é seu produto mais autêntico (MARX; ENGELS, s/d, p. 29). Ao operariado cabe como tarefa histórica, segundo Marx e Engels, promover uma revolução comunista, abrupta, violenta, rompendo com todas as relações tradicionais de propriedade e com as ideias tradicionais. E para promover a revolução, Marx e Engels legitimam o emprego da violência por parte do proletariado:

Esboçando em linhas gerais as fases do desenvolvimento proletário, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que lavra na sociedade atual, até a hora em que essa guerra explode numa revolução aberta e o proletariado estabelece sua dominação pela derrubada violenta da burguesia (MARX; ENGELS, s/d, p. 30, grifo nosso).

[...]

Os comunistas (...) proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista (MARX; ENGELS, s/d, p. 47).

Portanto, para os autores, a única maneira de se chegar à sociedade “justa”, a socialista, é por meio da destruição violenta da sociedade capitalista.

Embora Freire (2005) não mencione explicitamente o termo *sociedade capitalista*, preferindo empregar o termo *sociedade opressora, injusta*, em **Pedagogia do oprimido** (2005) ele, inspirando-se em Marx e Engels, faz apologia do uso da violência como instrumento de transformação radical da sociedade capitalista:

Daí que, estabelecida a relação opressora, esteja inaugurada a violência, que jamais foi até hoje, na história, deflagrada pelos oprimidos.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?

[...]

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Conscientemente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor” (FREIRE, 2005, pp.47/48).

Mais tarde, no século XX, essa teoria de Marx e Engels foi pela primeira vez na história posta em prática pelo Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lênin, o qual em 1917 implantou, por meio do terror e da violência, o governo comunista na União Soviética. Desde o princípio da revolução, o uso da violência foi premeditado, conforme se pode conferir nas palavras de Lênin:

[...] é claro que a libertação da classe oprimida só é possível por meio de uma revolução violenta e da supressão do aparelho governamental criado pela classe dominante e que, pela sua própria existência, “se afasta” da sociedade (LENIN, 1983, p. 11)

O que era para se tornar uma sociedade na qual reinariam a liberdade, a igualdade e a justiça, como preconizadas pela utopia marxista, após a vitória do Partido Comunista da União Soviética, ela foi tomada por um único partido (Partido Comunista), sob a ditadura primeiramente de Lênin, depois de Joseph Stalin, que perdurou até final dos anos de 1950, por ocasião de sua morte.

A influência do marxismo na Revolução Russa provocou grande impacto na China, conforme explica o ditador chinês Mao Tsé Tung: “[...] provocou imensas modificações no mundo do pensamento chinês assim que penetrou na China” (TSÈ-TUNG, 1999, p. 45). Mao Tsé-Tung à frente da tropa revolucionária toma em 1º de outubro de 1949 o poder da China, transformando-a em República Popular da China. No ano de 1966, o mesmo implanta de maneira violenta a chamada Revolução Cultural, que sobrevive até sua morte, em 1976. Vejamos o que foi a Revolução Cultural chinesa, nas palavras de Jean Sévillia, redator – chefe do jornal francês, *Le Figaro Magazine*, que escreve sobre o tema em seu livro **Terrorismo intelectual** (2009):

Em 18 de agosto de 1966, Mao decreta sua ‘Revolução Cultural’, para a construção de uma nova China. Os guardas vermelhos – adolescentes fanáticos – espalham-se aos bandos por Pequim e por todo o país. Mudar radicalmente, a ‘partir do zero’, é a palavra de ordem desses militantes. Tudo o que vem do Ocidente é o seu primeiro alvo, de casas burguesas a vestimentas europeias. Posteriormente, seu furor bárbaro é destilado contra a antiga civilização chinesa: estudiosos torturados até a morte, bibliotecas queimadas, monumentos e igrejas destruídos. Qualquer um que manifeste a menos resistência é assassinado. O saldo dessa guerra civil inominável é de 5 milhões de mortos (SEVILLIA, 2009, p. 66).

Nas palavras de Mao:

[...] o marxismo-leninismo é reconhecido como verdade não só pelo fato de essa doutrina ter sido cientificamente elaborada por Marx, Engels, Lênin e Stalin, mas também por ter sido confirmada pela prática ulterior da luta de classes e da luta nacional revolucionária (TSÈ-TUNG, 1999, p. 29).

Percebe-se a total relação e envolvimento histórico que um acontecimento vai obtendo do outro, o que nos permite observar com grande amplitude o enlace existente entre a teoria marxista e as ideias disseminadas de Paulo Freire na educação.

Contudo, torna-se importante esclarecer respectivamente do que se trata em questão a Revolução Cultural, para isso abordaremos a Escola de Frankfurt e dois de seus precursores, António Gramsci, filósofo italiano, e Georg Lukács, filósofo húngaro. Com o abalo das duas grandes guerras mundiais, as estruturas da esquerda estremeceram, pois os marxistas perceberam que a teoria de Marx (1997) não estava tendo a importância que deveria ter, decorrente a isto, alguns intelectuais resolveram refletir o que havia acontecido de errado. De modos distintos os dois teóricos marxistas, Gramsci (1975) e Lukács (2008), decidiram provar que o motivo do comunismo não conseguir se estender era o cristianismo e as bases da cultura ocidental. Gramsci (1975) na década de 30, tenta explicar como derrubar a cultura tradicional, ele sabia da importância que tinha em comprometer a moral de um país. “É um seguidor original do marxismo, que ele preferiu chamar de Filosofia da Práxis” (NOSELLA; AZEVEDO, 2009, p. 79). Vejamos então o que seria essa Revolução Cultural para Gramsci (1975) no conceito de Nosella e Azevedo (2009):

Neste sentido, a Revolução, enquanto mudança total e profunda dos sistemas sociais, para Gramsci deve ser realizada todos os dias: nas mentes e nos corações de todos os homens e mulheres, na família, na praça, nos campos, na mídia e, obviamente, nas escolas. Com efeito, as insurreições, se às vezes foram felizes parceiras da revolução, ocorreu muito raramente. (NOSELLA; AZEVEDO, 2009, p. 83)

Mudando a cultura se pode moldar o pensamento das gerações seguintes. Observamos nas palavras do próprio Gramsci (1975) em uma das cartas que escreveu à sua mulher a respeito da importância que ele emprega a cada pessoa o papel de mudança do Estado:

Caríssima Giulia. Tu (pelo menos é a impressão que tenho) compreendes bem intelectualmente, teoricamente, que és um elemento do Estado e, como tal, tenso dever de representar e exercer o poder de coerção, dentro de determinadas esferas, para modificar de forma molecular a sociedade, para especificamente tornar a geração nascente preparada para a nova vida (isto é, cumprir dentro de determinadas esferas aquela ação que o Estado cumpre de modo concentrado sobre toda a área social) - e o esforço molecular não pode teoricamente ser distinto do esforço concentrado e universalizado;- mas me parece que em termos práticos não consegues livra-te de certos hábitos tradicionais, ligados a concepções espontaneistas e libertárias, quando se trata de explicar o surgimento e o desenvolvimento dos novos tipos de humanidade que sejam capazes de representaras diversas fases do processo histórico (GRAMSCI, 1975a, p. 456-457).

Já Lukács (2008) em 1919, como Vice Comissário da Cultura do regime Bolchevique, decidiu colocar em prática a descristianização da Hungria, pensando que se a ética sexual cristã pudesse ser corrompida junto das crianças poderia abalar as estruturas da sociedade. Os jovens eram encorajados a se revoltarem contra toda a autoridade, o que os acabava transformando em delinquentes. Ressalta Lukács em sua obra **Socialismo e democratização**:

[...] a religião não é uma ideologia abstrata e isolada, mas um fenómeno social concreto (um dado que muitíssimos camaradas costumam esquecer). Com esta afirmação, não ocultamos de nenhum modo a nossa oposição de fato: apenas fixamos, com precisão, as condições sociais específicas nas quais se torna viável a extinção da religião. E também nisto está posta a nossa tarefa ideológica, a saber: de que forma podemos acelerar, na medida em que isto for possível por meios ideológicos, a emergência de tais condições (LUKACS, 2008, p. 63-64).

Nesse contexto e com tais ideias no ano de 1923 é fundada a Escola de Frankfurt, que era um Instituto de Pesquisas Sociais na Alemanha criada por alguns bolcheviques e intelectuais. Da Escola de Frankfurt surge um marxismo super estrutural, que ao invés de pensar na revolução armada, visa às bases institucionais da sociedade. O objetivo da escola era disseminar ideias marxistas para abalar as bases da cultura ocidental, pregavam o ensino da sexualidade para as crianças, a destruição da família tradicional, da religião, e tudo isso através da educação e da mídia para um impacto certo. Eles praticamente iniciaram a deteriorização da sociedade, foi a Escola de Frankfurt que desenvolveu o conceito de marxismo cultural. Entre seus fundadores estavam George Lukács e Herbert Marcuse. O seu alvo agora seria “os oprimidos”, ao invés do “proletário que havia sido infiel nas grandes guerras”. Marcuse (1975)

compartilha do mesmo pensamento de seus companheiros, de que a sociedade acaba por reprimir os instintos do indivíduo. Em decorrência de seu livro **Eros e civilização** (1975) que foi escrito em 1955, inclusive ao qual Freire (1970) faz menção em sua obra, ocasionou várias revoluções de estudantes e hippies. Marcuse (1975) se apropriando de conceitos psicanalíticos de Sigmund Freud, os inverte e coloca a seu favor, com o intuito de colocar a revolução sexual como uma principal quebra da moral burguesa:

Segundo Freud, a história do homem é a história da sua repressão. A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica [...] Contudo, essa coação é a própria condição do progresso. Se tivessem liberdade de perseguir seus objetivos naturais [...] destruiriam até aquilo a que se unem ou em que se conjugam. O Eros incontrolado é tão funesto quanto a sua réplica fatal [...] A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral de necessidades – é abandonada (MARCUSE, 1975, p. 33).

Freud realmente relata que os indivíduos devem reprimir seus instintos, mas isso se torna necessário para viver em uma sociedade civilizada, com princípios e morais a seguir. E nesse ponto que Marcuse (1975) faz uma campanha para disseminar a ideia de que o indivíduo não pode reprimir seus instintos, suas vontades e anseios, pois ao fazê-lo se torna infeliz. Marcuse (1975), como marxista cultural, vai contra a família tradicional, o casamento monogâmico, pois, segundo ele, este é fonte de dominação e opressão patriarcal, colocando fim à natureza da sexualidade e do desejo da libido de Eros:

[...] as modificações e deflexões de energia instintiva necessárias à perpetuação da família patriarcal monogâmica, ou a divisão hierárquica do trabalho, ou ao controle público da existência privada do indivíduo, são exemplos de mais repressão [...] (MARCUSE, 1975, p. 53).

Ainda de acordo com Marcuse (1975), referente à ciência e tecnologia:

[...] a ciência é um dos instrumentos mais destrutivos – aniquiladora daquela liberdade contra o medo que certa vez prometera [...] tal promessa se evaporou na utopia, científica quase se tornou idêntico ao repúdio da noção de um paraíso terreno (MARCUSE, 1975, p. 78).

Freire (1970) possui a mesma linha de pensamento quando discorre sobre o matrimônio em sua obra **Pedagogia do oprimido** (1970) dizendo que “[...] na relação de dominação [...] o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados” (FREIRE, 1970, p.45). Também possui o mesmo conceito em relação à ciência e à tecnologia, que segundo ele “[...] usam como força indiscutível de manutenção da ordem opressora a qual manipulam e esmagam” (FREIRE, 1970,

p.26). Marcuse (1975), como marxista, idealiza juntamente com seus companheiros um paraíso terreno, assim a ciência e a razão para eles negam a possibilidade de existir um mundo perfeito, ao qual a religião tão combatida pelos marxistas também o fazem, pelo fato de terem uma crença em um paraíso transcendental, já que consideram os homens imperfeitos.

No mesmo contexto de todos esses acontecimentos históricos, em 1959 está sendo proclamada a primeira república socialista da América, Fidel Castro juntamente com Ernesto Guevara formava a dupla mítica que estava à frente da revolução cubana. Nesse período, o escritor e intelectual francês Régis Debray, estava presente em Cuba, chegando a atuar várias vezes com Che Guevara, tanto em Cuba quanto na Bolívia nas guerrilhas, onde acabou sendo preso. No mesmo ano de sua prisão, escreveu seu livro **Revolução na revolução** (1967), que trata sobre o papel que os intelectuais devem ter nas revoluções e nas guerrilhas preconizando que a radicalização e a conscientização devem vir durante a luta armada, mas ainda principalmente após a queda do sistema como uma força mantenedora do marxismo. Paulo Freire faz menção em **Pedagogia do oprimido** (1970), às ideias e conceitos de Régis Debray de como atuar em uma liderança revolucionária, frente às guerrilhas.

Paulo Freire anseia assim, como todos os revolucionários e intelectuais radicais aos quais ele faz menção, pela revolução comunista, mas detalhe, ele não preconiza somente a revolução armada, mas assim como Mao Tsé Tung realizou na China, ele almeja uma Revolução Cultural, para que a ordem da cultura marxista prevaleça, eliminando qualquer vestígio da cultura e dos valores ocidentais:

[...] a revolução cultural é a continuação necessária da ação cultural dialógica que deve ser realizada no processo interior à chegada ao poder [...] é o máximo de esforço de conscientização possível que deve desenvolver o poder revolucionário, com o qual atinja a todos, não importa qual seja sua tarefa a cumprir (FREIRE, 1970, p. 90).

Existe outro ponto de convergência entre o pensamento dos intelectuais que deve ser exposta com clareza, o conceito de “práxis revolucionária”. O marxismo ortodoxo tratava apenas das questões práticas e econômicas. Já o marxismo cultural, é penetrado tanto com a prática quanto com a teoria, havendo um equilíbrio entre ambos. Assim, Freire (1970) apregoa uma espécie de sentido “pedagógico” e dialógico da revolução, que a faz ser Revolução Cultural, tendo de acompanhá-la em todos os momentos e fases. Este sentido “pedagógico” seria a conscientização das massas e a dialogicidade da liderança revolucionária, acompanhada sempre de uma reestruturação da cultura. Em

seu livro **Pedagogia do oprimido** (1970), Paulo Freire ensina-nos a como se deve seguir passo a passo uma revolução para que se torne autêntica e eficaz. Para ele a revolução é práxis, que deve ser mediada através da palavra, do diálogo. Portanto, para ele “[...] o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica” (FREIRE, 1970, p. 72).

Jean Paul Sartre, um dos mais importantes filósofos existencialistas, presenciou os mais fervorosos acontecimentos da esquerda, desde a Guerra do Vietnã, dedicando-se ardorosamente a uma campanha contra os Estados Unidos, em defesa do Vietnã do Norte (os vietcongues). Sempre acompanhado de sua companheira, Simone de Beauvoir, participava de disputas e embates em defesa dos partidos, de revoluções e de movimentos de esquerda.

O movimento de Maio de 68 foi palco de uma das principais revoltas da esquerda, a qual estudantes tiveram como influência ideias e pensamentos disseminados na sociedade pelos intelectuais que faziam parte da então Nova Esquerda (os intelectuais integrantes deste movimento acreditavam em um marxismo mais “humano”, ao qual seria possível difundir valores marxistas através da conscientização e da cultura). Jean Sévilla escreve em seu livro **Terrorismo intelectual** (2009) sobre o Movimento de Maio 68:

É proibido proibir. O célebre bordão exprime a essência filosófica do pensamento de 1968: o individualismo radical. Toda autoridade pode ser contestada. Toda pressão é suspeita. A moral, as estruturas sociais, as tradições e a cultura clássica são consideradas escravizantes. O que conta é a satisfação das necessidades individuais. Só existe um único ideal: “realização pessoal”, sem recuar diante de qualquer tabu. Não há mais normas objetivas sobre o bem e o mal; perdeu-se completamente a noção de erro. Não é o delinqüente que é culpado, mas a sociedade (SEVILLA, 2009, p. 81).

Notamos que por trás do movimento estão às ideais dos intelectuais sendo disseminada na mente e coração de cada indivíduo. A cultura já está sendo corrompida pelas bordas intrínsecas da sociedade, sem nem ao menos perceber-se tal ação já premeditada. Sartre (2008), assim como havíamos dito participou diretamente desse movimento e quando perguntado a ele sobre o que esperava dessa revolta ele disse: “[...] não creio que a revolução seja possível de um dia para outro. Creio que somente será possível obter conquistas sucessivas [...]” (BENDIT; SARTRE, 1968, p. 16). Na concepção de Sartre (2008), a revolução também irá acontecer de forma lenta, pois a base de tudo está em “conscientizar” as pessoas, fazendo com que tomem conhecimento

de sua “opressão”, e assim como oprimidos busquem seus direitos pelo “ser mais”, supostamente negado pela classe dominante. Pensamento este que Paulo Freire também dissemina em seu livro, pois na sua concepção, os oprimidos (proletariado) são privados de ser livres, pois vivem em um contexto de exploração por parte de seus opressores. Então o objetivo dos oprimidos deveria ser o ato de libertar a si mesmo e a seus opressores, “[...] aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 1970, p. 16-17).

Paulo Freire também faz menção ao pensamento do psiquiatra francês Frantz Fanon, o qual vê o racismo como fonte da dualidade existente entre “colono (oprimido)” e “colonizador (opressor)”. Em sua obra **Os condenados da terra** (1961), Fanon (1961) afirma que o racismo serve como base do processo histórico da cultura ocidental, culpando a Europa por todas as “explorações” realizadas nas colônias do Terceiro Mundo. Ele relata que o motivo de existir uma dualidade nos oprimidos, seria devido à existência de um “opressor hospedeiro” que habita na mente de certos indivíduos quando não há a autêntica conscientização de sua realidade “opressora”. Em sua concepção, em algum momento existencial dos oprimidos pode acontecer de haver uma atração pelo modo de vida dos “opressores”. Assim sendo, para Freire (1970) a realidade opressora “[...] muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agredem os próprios companheiros (FREIRE, 1970, p. 27). O que observamos, segundo esse pensamento, é que não é levado em conta a vontade do sujeito, que é praticamente empurrado a ser um revolucionário, o indivíduo não tem a liberdade de se identificar com a cultura ocidental, tampouco se familiarizar ou almejar um modo de vida “burguês”, pois se o mesmo o fizer, estará entrando para a classe de “opressores”.

Assim como os demais intelectuais e revolucionários descritos nesse presente artigo, Louis Althusser caracteriza o Estado como sendo um objeto de repressão das classes dominantes, com isso toda a luta política acaba por girar em torno do poder estatal. Althusser (1970) designa as realidades vividas nas instituições como sendo Aparelhos Ideológicos de Estado, alegando que não existe ponto neutro ou neutralidade nas ações realizadas. Contata-se tal afirmação no discurso do autor em sua obra **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado** (1970):

[...] a escola (mas também outras instituições de Estado como a igreja ou outros aparelhos como o exército) ensinam saberes práticos, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da prática desta (ALTHUSSER, 1970, p.22).

Vejam os e comparemos com a crítica que Paulo Freire faz à educação tradicional, especificamente por esta conter um ensino sistematizado embasado na ciência e na razão, em que o professor tem o dever de transmitir o conhecimento acumulado historicamente ao aluno, conhecimento este que deveria ser a base para o seu futuro. Freire (1970), assim como Althusser (1970), vê esse ensino como sendo proposital da classe dominante, com o intuito de manter os “oprimidos” “imersos” em sua realidade “opressora”. A partir desse pensamento, Paulo Freire propõe o seu “método” de alfabetização revolucionário, em que possibilitaria o sujeito a tomar nota da sua “opressão”, assim fazendo parte da práxis revolucionária com a finalidade de destruir a ordem capitalista vigente e implantar a sociedade socialista, que seria o paraíso terreno para os marxistas.

CONCLUSÃO

Ao analisar a obra de Paulo Freire a Pedagogia do oprimido (1970) chegamos à conclusão que este autor devido aos acontecimentos históricos de um contexto ao qual estava inserido o seu pensamento, foi fortemente influenciado por ativistas e intelectuais revolucionários. O que resultou em seu método de alfabetização libertário, em que Freire (1970) buscava conscientizar as massas de sua suposta opressão. Contudo, tomando partido da proposta de alfabetização de Paulo Freire o educador coloca em xeque o conceito teórico científico, já que este autor trabalha por uma perspectiva crítica de conscientização do indivíduo e não com uma simples alfabetização de adultos envolvendo conteúdos historicamente acumulados pela humanidade.

Notamos que no método de Freire (1970) não cabe o ato de aprender, ou tomar conhecimento do conteúdo transmitido pelo educador, mas sim o de conscientização a fim de que o aluno obtenha o “seu próprio” conhecimento. Assim, podemos compreender a proposta de alfabetização de Paulo Freire como estando profundamente ligada a questões de transformações políticas e sociais que vem ocorrendo na sociedade. Dessa maneira, é depositada a esperança de uma transformação social nas massas populares, a qual Paulo Freire se reporta como sendo oprimidos pelo sistema capitalista. Para a transformação da sociedade capitalista, os intelectuais e revolucionários marxistas apregoam uma luta de classes, em que primeiramente se dá a ditadura do proletário, seguido de uma sociedade hipoteticamente sem classes.

Em decorrência disto, é que se torna tão importante a práxis revolucionária para os marxistas. Pois é através da junção da intervenção (ação na realidade) e da teoria (conscientização) é que se chegaria ao objetivo, que é a sociedade socialista.

Consequentemente devido ao claro objetivo político-social-econômico por trás do método de alfabetização de Paulo Freire se torna algo que se materializada a ideia de uma transformação social irá mudar os valores e características de toda uma civilização. Esse discurso pode encantar aos que o ouvem, mas isso é mera fantasia. Pois a única maneira de se instalar definitivamente uma sociedade socialista, é aniquilando todos os valores e vestígios da sociedade ocidental capitalista, eliminando as instituições (escolas, igrejas, família...) e acabando com a democracia, ou seja, com a liberdade. Lênin deixa isso bem claro ao declarar que “[...] a democracia é também Estado e, por conseguinte, desaparecerá quando o Estado desaparecer. Só a revolução pode abolir o Estado burguês [...] a plena democracia só pode definir” (LÊNIN, 1983, p.23)

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editora Presença, 1970.
- BENDIT, D; C SARTRE, J.P. A ampliação do campo possível. In: COHN, Sérgio; Pimenta, Heyk. **Maio de 68: encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- CRATO, Nuno. **O educuês em discurso directo**. Gradiva: Lisboa, 2011.
- DEBRAY, Régis. **Revolução na Revolução**. São Paulo: Centro editorial latino americano, 1980.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**; tradução José Laurênio de Mero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58a ed. rev. e atual.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GAUTHIER, Clermont; BISSONETTE, Steve; RICHARD, Mario. “Sucesso acadêmico e reformas educativas”. In: OLIVEIRA, João Batista Araujo de (Org.). **Pedagogia eficazes: o que funciona na sala de aula**. Brasília, DF: Instituto alfa e Beto, 2009.
- Disponível em: <http://www.alfaebeto.org.br/wp->

[content/uploads/2013/09/Livro_ProfissaoProfessor_grafica.pdf](#). Acesso em: 06/01/2016.

GERHARDT, Heinz-Peter. “Uma voz europeia: arqueologia de um pensamento”. In: **Paulo Freire**, uma biografia. Editor: Cortez, Instituto Paulo Freire, Unesco. Disponível em <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000028>. Acesso em: 06/01/2016.

GRAMSCI, Ant3nio. **Cadernos do C3rcere**; tradu73o por Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civiliza73o Brasileira, 1999.

L4ENIN, V. I. **O Estado e a Revolu73o**: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do prolet3rio na revolu73o. 2. ed. S3o Paulo: Hucitec, 1983.

LOIOLA, A F; BORGES, C. “A pedagogia de Paulo Freire ou quando a educa73o se torna um ato pol3tico”. In: GAUTHIER, C; TARDIF, M. (orgs) **A Pedagogia: Teorias e Pr3ticas da Antiguidade aos Nossos Dias**. Petr3polis: Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 306- 311.

LUK3CS, Gyorgy. **Socialismo e democratiza73o**: escritos pol3ticos 1956-1971; tradu73o por Carlos Nelson Coutinho; Jos4 Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civiliza73o**: uma interpreta73o filos3fica do pensamento de Freud; tradu73o por 3lvaro Cabral. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARIA E SILVA, Jos4. “O brasileiro que elegeu Obama”. Goi3s, dez. 2012. **Jornal Op73o**. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/o-brasileiro-que-elegeu-obama>>. Acesso em 15 de Abr.2015.

MARX E ENGELS, **A ideologia alem3** (I-Feuerbach). 3a ed.. S3o Paulo: Livraria Editora Ci4ncias Humanas, 1982.

MARX E ENGELS, *Manifesto do Partido Comunista*, in: **MARX E ENGELS Obras Escolhidas**, V. 1, S3o Paulo: EditoraAlfa-Omega, s/d.

MCLAREN, Peter. “Paulo Freire 4 o mais importante educador cr3tico lido nos EUA”. Rio Grande do Sul, jun. 1997. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1025&secao=223. Acesso em: 10 de Abr. 2014.

NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Maio Luiz Neves. A educa73o em Gramsci. In: FALCO, Aparecida Meire Calegari. **Sociologia da Educa73o**: m3ltiplos olhares. 2. ed. Maring3: Eduem, 2009.

OAKESHOTT, Michael. *A place of learning*. In: **The voice of liberal learning**. Indian3polis, Liberty Fund, 2001, p. 18. Apud CRATO, Nuno. **O ‘eduqu4s’ em**

discurso directo: uma crítica da pedagogia romântica e construtivista. 13ª edição. Gradiva: Lisboa, 2011.

OLIVEIRA, João Batista Araujo. **Lereis como deuses:** a tentação da proposta construtivista. Disponível em: <http://www.alfaabeto.org.br/arquivos/publicacoes/leréis-como-deuses-a-tentacao-da-proposta-construtivista/>. Acesso em: 06/01/2016.

SÉVILLIA, Jean. **O terrorismo intelectual:** de 1945 aos nossos dias; tradução por Regina Bracco. 1. ed, São Paulo: Peixoto Neto, 2009.

STERN, Sol. “Pedagogia do Opressor”. **Mídia sem máscara.** n. 227, 3 jun. 2009.

Disponível em:
<http://www.midiaseम्मascara.org/index.php?option=com_content&view=article&id=7508:pedagogia-do-opressor&catid=3:educacao&Itemid=13>. Acesso em: 09 de Abr. 2014.

TSÈ – TUNG, MAO. **Sobre a prática e sobre a contradição.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

WEFFORT, Francisco C. “Educação e política”. In: FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 31ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.